

“

Espaço público e lugares de memórias negras: (des) encontros entre sujeitos e o patrimônio histórico urbano

”

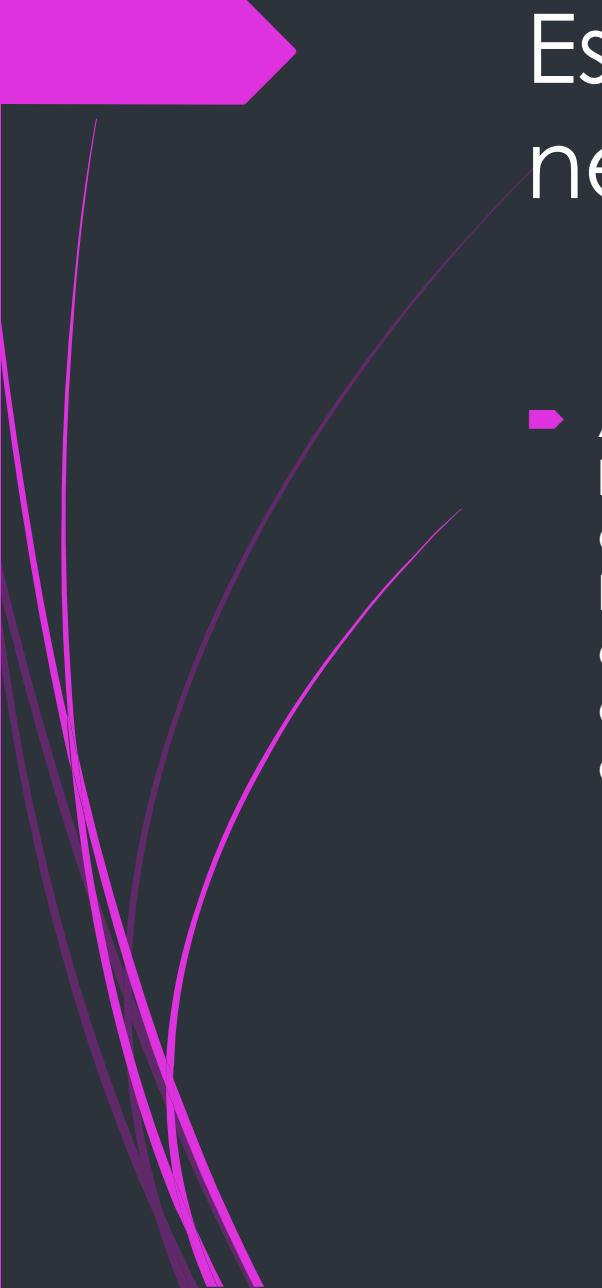
Curso “Corpos Negros e a Cidade”

14/10/21

Autoras: Lourdes Carril (UFSCar) e Rosalina Burgos (UFSCar)

lourdescarril@ufscar.br

rburgos@ufscar.br



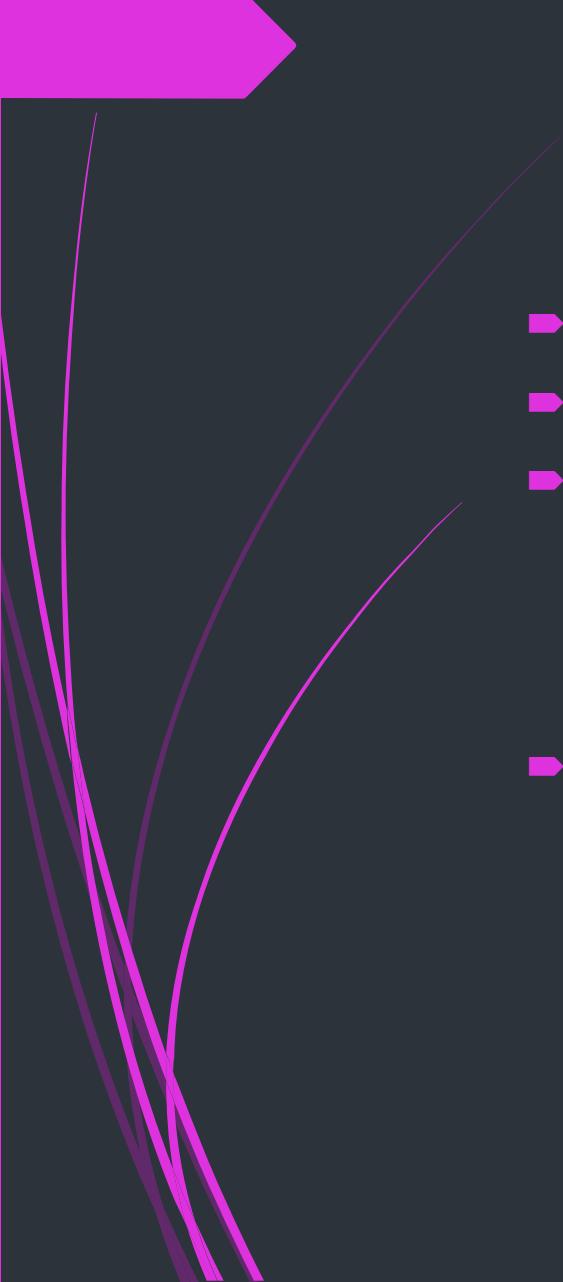
Espaço Público e Lugares de memórias negras

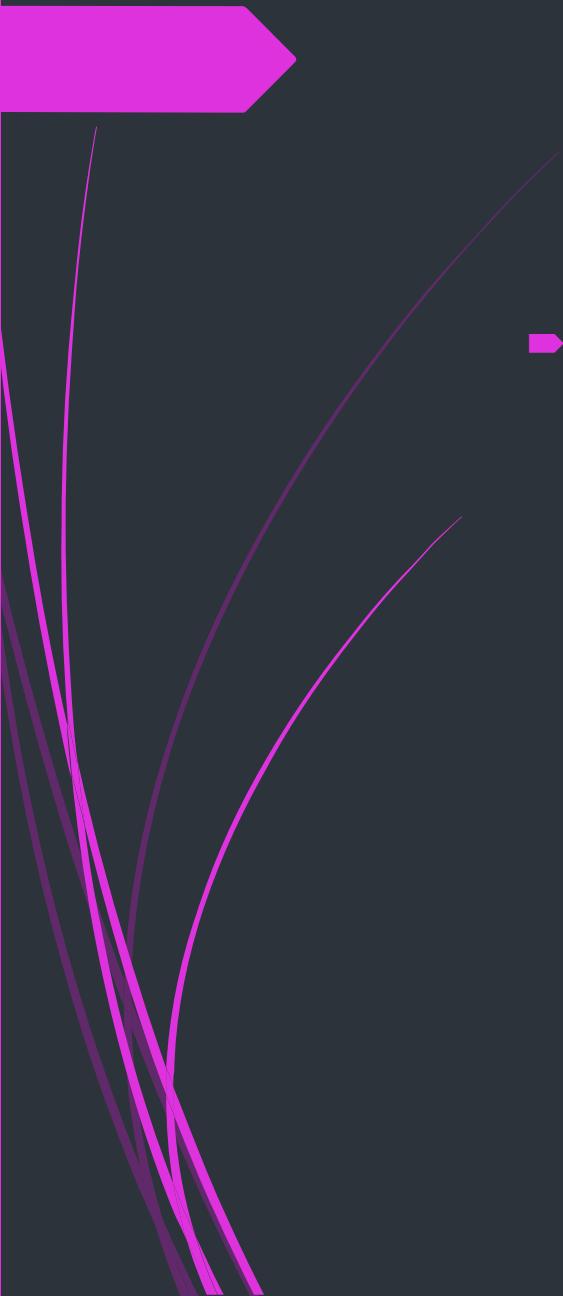
- Aborda-se neste artigo a temática relacional entre espaço público e lugares de memórias negras na cidade de Sorocaba, mais especificamente, os territórios compreendidos enquanto patrimônio histórico urbano. Em termos gerais, a temática se situa numa urbanização que se reproduz sob as determinações de uma sociedade desigual na qual a segregação socioespacial aparta sujeitos sociais da cidade enquanto obra.

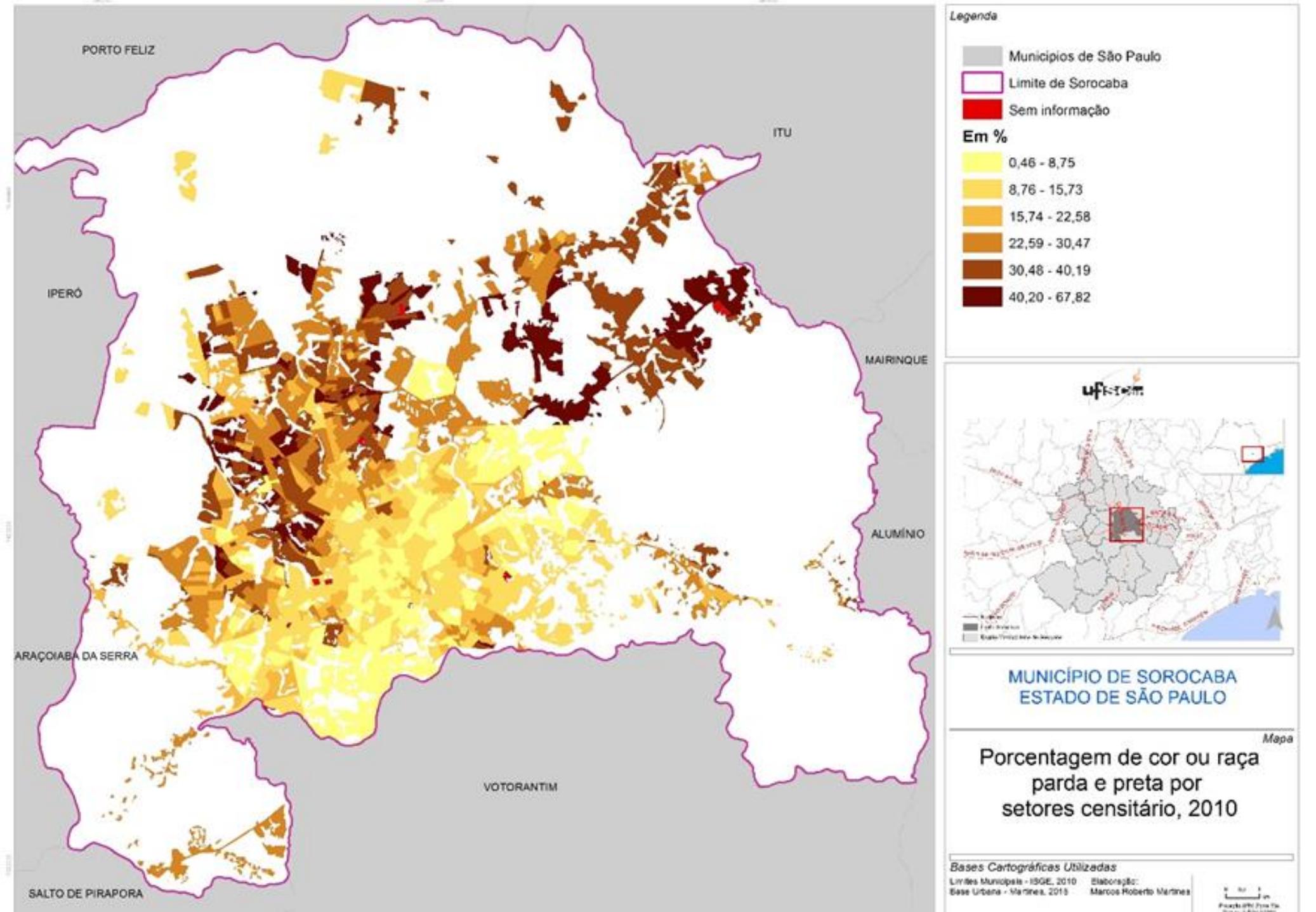
- 
- O processo de urbanização brasileira se reproduz segundo um modelo de segregação espacial, provocando a separação entre a produção urbana e o direito à cidade. Neste âmbito, a dialética do público-privado se faz presente no movimento que funda e institui o domínio da propriedade privada – e do que é público e para quem.
 - A segregação racial no espaço urbano não só aliena o negro da propriedade, mas fragmenta as identidades culturais, separando-o da memória afro-brasileira no território urbano. A esfera público-política, inscrita num cotidiano sob a lógica do mundo do consumo, expressa conflitos no (des) encontro entre sujeitos e o sentido de pertencimento em relação ao patrimônio histórico da cidade. A radical polarização expressa na presença de riqueza ao lado da pobreza periférica mostra afastamentos étnicos, fruto de processos de especulação imobiliária que segregam pobres, majoritariamente população negra, para bolsões de pobreza urbana, demonstrando perda de territórios negros das áreas centrais.

Urbanização Crítica

- O que é a urbanização crítica? É a impossibilidade do urbano para todos, a não ser que se transforme radicalmente as bases da produção e da reprodução sociais. [...] Não há o urbano para todos. Esta é a radicalidade do urbano na História, colocada hoje com clareza suficiente. Todo o aparato teórico-conceitual que sempre explicou a miséria e o desemprego, ou o subemprego, como faces do capitalismo dependente, acabou por obscurecer o limite que estamos vivendo. Os pobres sobrevivem à custa de uma economia que envolve os próprios pobres e quase exclusivamente eles: são os serviços e o comércio nas áreas periféricas (DAMIANI, 2002:5).

- 
- ▶ Sorocaba - mais de 600 mil
 - ▶ Região Metropolitana de Sorocaba – 2014 (26 municípios)
 - ▶ Consolidado distrito industrial do Éden desde os anos 1970, seguido pelo eixo mais recente de investimentos em torno do Parque Tecnológico e da multinacional Toyota no extremo noroeste da mancha urbana do município – por outro lado, cresce a formação de suas periferias urbanas, denotando uma cidade marcada por expressiva segregação espacial.
 - ▶ A urbanização crítica se constitui na Sorocaba contemporânea, sendo marcada pela expansão do modelo condomínio, shopping e automóvel. Bairros elegantes de classe média alta se concentram na zona sul, enquanto para a zona norte são empurrados os pobres da cidade, gerando formas de segregação espacial que demonstram a presença da cor como hierarquia social e espacial.

- 
- O censo do IBGE, realizado em 2010, aponta para 586.625 o número de habitantes na cidade de Sorocaba, sendo que destes 436.768 se autodeclararam brancos, 23.844 pretos, 118.854 pardos, 6.597 amarelos e 558 indígenas. Levando em consideração que a população negra, segundo critérios do IBGE, é a soma de pretos e pardos, este grupo representa, atualmente, 24,32% dos habitantes da cidade. Segundo dados, espacialmente levantados, neste censo, a porcentagem de cor ou raça parda e preta, por setores censitários, a zona norte concentra 40,20 a 67,82% de moradores negros. O centro e a zona sul seguem espaços branqueados.





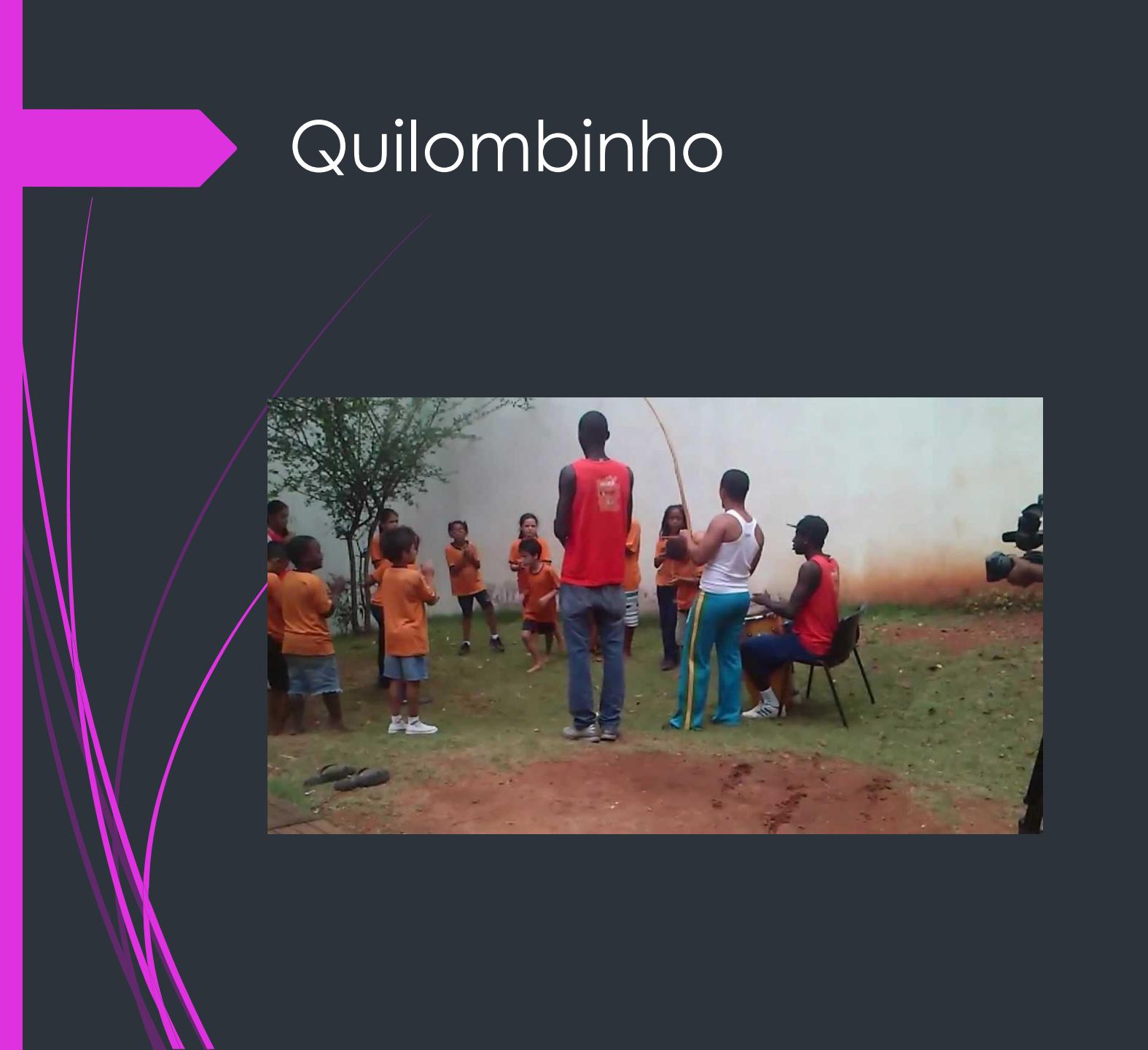
Espaço Público e Segregação Espacial, Social e Racial em Sorocaba/SP

- ▶ Lugares de memórias negras: resistência e resíduo
- ▶ Os lugares de memórias negras em Sorocaba, enquanto patrimônios históricos urbanos (reconhecidos ou não pelas leis do patrimônio), se apresentam como lócus de aprofundamento de uma esfera pública mais plural que promova a visibilidade da história e memória dos negros nesta cidade. Sob determinada perspectiva, aquela que busca evidenciar sua presença num universo que tende a ocultá-los, podem ser compreendidos como resistência. Ao mesmo tempo e, contraditoriamente, também, se caracterizam como resíduos, no sentido de que não alcançam representar a magnitude da presença negra na cidade, concentrada que está, sobretudo, em suas periferias, distante destes patrimônios.
- ▶ Se a esfera público-política subjaz a um cotidiano marcado pela lógica do mundo do consumo, por outro lado, expressa conflitos que expõem a perversidade da cisão e as possibilidades de redescoberta dos sujeitos em sua relação de pertencimento ao patrimônio histórico da cidade.



Capela João de Camargo

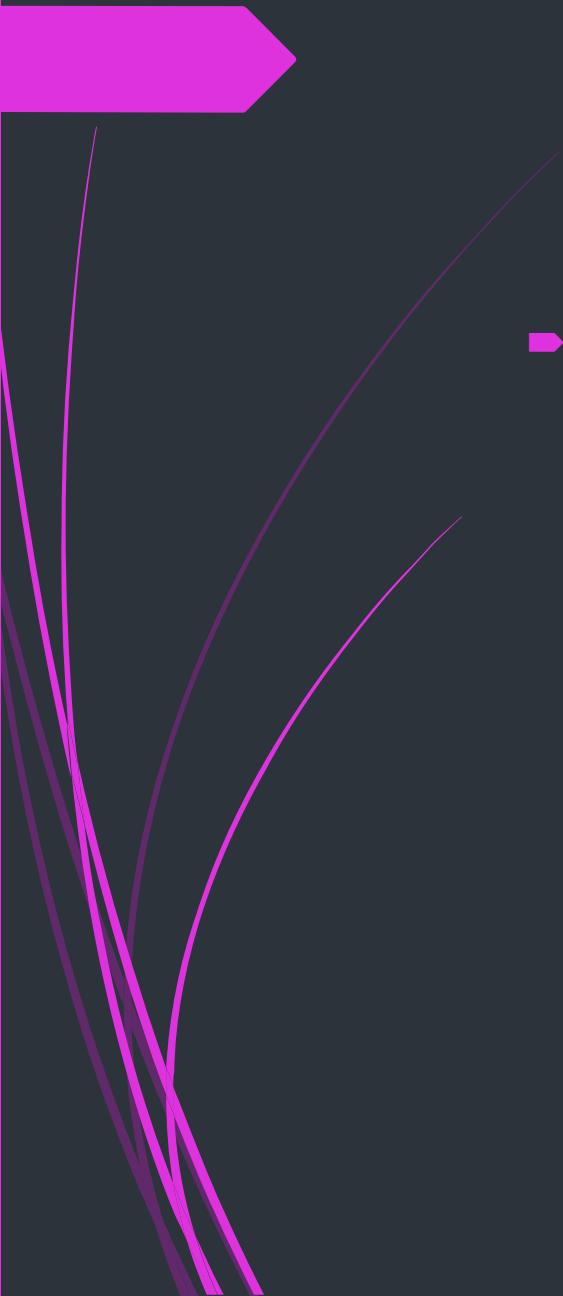




Quilombinho

Clube 28 de Setembro





Capela João de Camargo

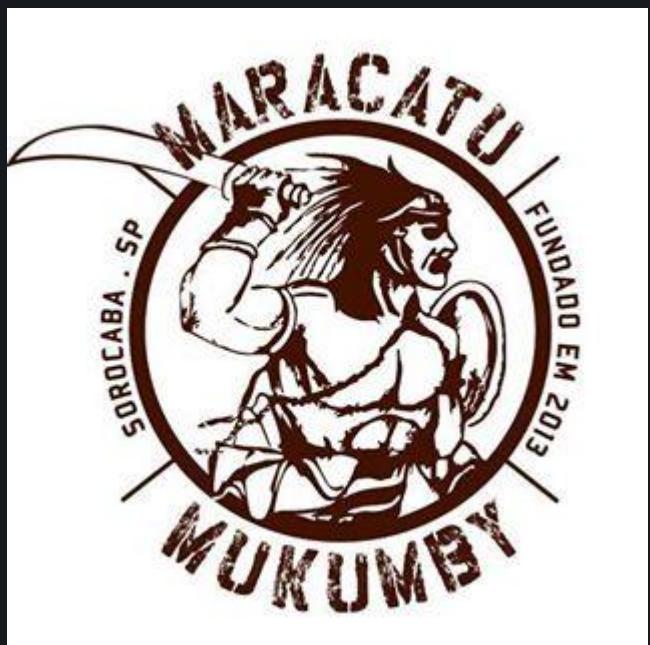
- A capela se caracteriza como um caso emblemático que sintetiza resistência e conflitos pela existência e permanência de um lugar de memória negra na cidade de Sorocaba. A própria localização geográfica já constitui um confronto, uma vez que a Capela Nossa Senhor do Bom Jesus do Bonfim da Água Vermelha está situada às margens da atual Avenida Barão de Tatuí, uma das principais vias de acesso entre o centro histórico e a nova centralidade de comércio e serviços no bairro do Campolim. Sua origem remonta à virada do século XIX para o XX quando aquelas imediações ainda se caracterizam como roça e sertão, distante do que era a cidade. Num tempo que se erguiam cruzes por mortes ocorridas nas beiras de estradas, João de Camargo teria experimentado um encontro com o denominado menino Alfredinho, cuja história havia conhecido com sua mãe, reconhecida como curandeira, momento no qual haveria recebido as primeiras instruções para fundação de sua igreja.

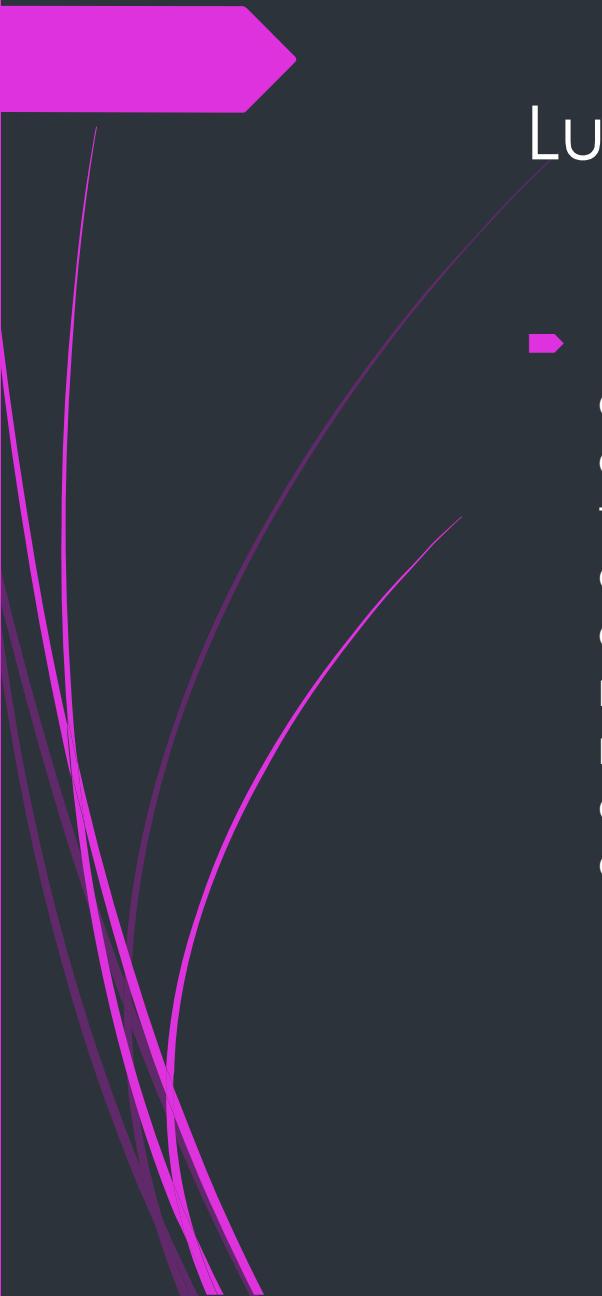


Sociedade Cultural e Beneficente 28 de Setembro

- O clube foi fundado na data que rememora o dia 28 de setembro de 1871 quando a Lei do Ventre Livre (segundo a qual os filhos dos escravizados nascidos a partir desta data eram considerados livres) passou a vigorar no país. A entidade foi criada, em 1945, como espaço de sociabilidade e recreação para a comunidade negra da cidade, tendo sucedido a representação local da Frente Negra Brasileira que acabou sendo extinta no período Vargas. Entre os registros históricos sobre sua trajetória, há indicação de que sua criação tenha sido motivada pelo cerceamento aos negros de participarem dos demais clubes existentes na cidade. Reportagens de jornais da época relatam que pessoas negras eram barradas nas entradas dos clubes da cidade, mesmo quando já haviam comprado ingressos para algum festejo ou atividade realizada por determinado clube. Assim sendo, um grupo de 14 ferroviários se reuniram no intuito de criarem um clube para a população negra sorocabana. Inicialmente, sua sede provisória se encontrava na Rua Miranda Azevedo, tendo em 1950 adquirido seu prédio próprio, localizado à Rua Machado de Assis.

Movimento de Mulheres Negras – Momunes e dos grupos de maracatu, como o Maracatu Mukumby



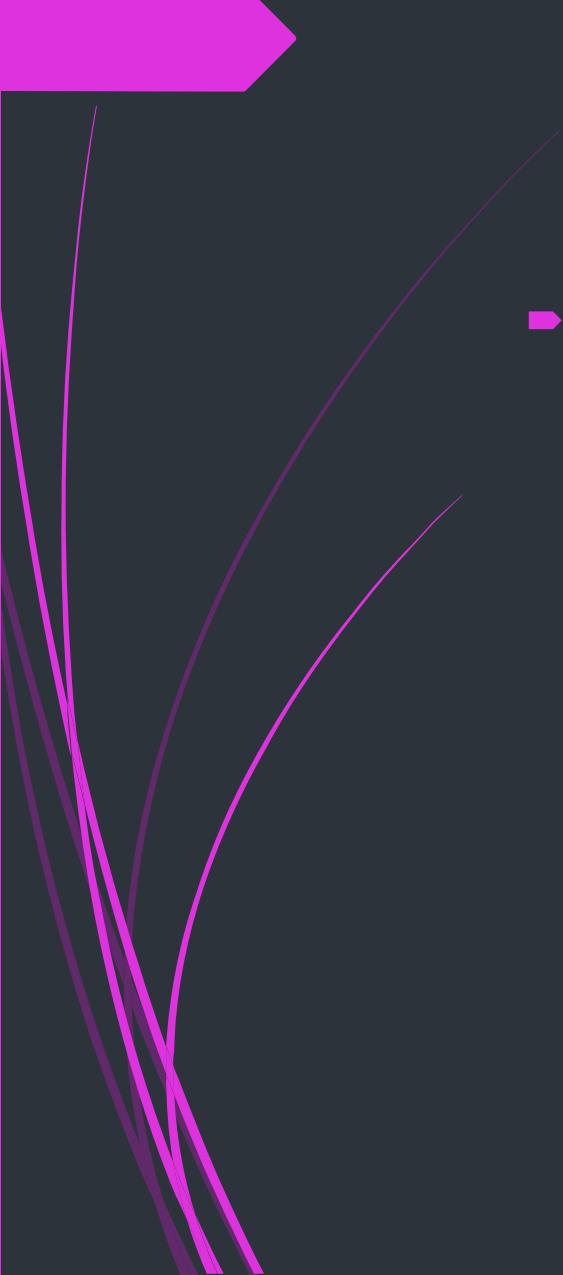


Lugares de memórias negras: resistência e resíduo

- [...] é possível localizar práticas sociais de pertencimento social e territorial enquanto resistência e práxis público-política. Contradicatoriamente, enquanto esfera pública, estes sítios de expressão cultural e de resistência também abrigam a eclosão de conflitos e a sempre latente possibilidade da novidade. É assim que se consolidam novas práticas sociais de enfrentamento da desigualdade étnico-racial e de exclusão dos negros na cidade. Pode-se citar a participação do movimento de mulheres negras junto ao Conselho Municipal da Mulher, ou ainda, a penetração da cultura do maracatu nos meios historicamente elitistas, como aquele das universidades (BURGOS, 2018).

Religiosidade Afro brasileira, hibridismo e resistência

- ▶ Capela João de Camargo - 1907
- ▶ [...] o culto praticado por João de Camargo constituiu-se de valores sincréticos advindos de religiões negras, católicas e do espiritismo, evidenciando sobrevivências africanas em Sorocaba. Este aspecto para o sociólogo foi bastante significativo, pois considerou ser “um ponto de apoio inicialmente extraordinariamente forte, capaz de atrair por si mesmo um número relativamente grande de seguidores” (FERNANDES, 1972, p. 234). Os rumos de seu trabalho e a atuação como religioso, orientador espiritual e curandeiro tiveram importância acentuada para demarcar um território de identidade pautado pelo contexto histórico e pelo fortalecimento da memória que investe o lugar onde até hoje se encontra a capela.

- 
- ▶ Segundo Cavalheiro, em 1840, os negros representavam 24,96% da população da cidade, sendo 34% na vila de Sorocaba. No censo realizado no ano de 1872, Sorocaba tinha uma população de 4.793 habitantes na cidade e 8.166 nos bairros, sendo que destes 8.044 eram brancos, 2.031 pardos e 2.884 pretos (37,93% da população), e entre os dois últimos grupos 3.070 eram escravizadas (Cavalheiro, 2001 apud Cavalheiro, 2006). Em 1881, Sorocaba tinha 3096 escravizados e, em 1887, antecedendo a abolição, esta população era de 940. O cultivo de algodão, segundo o autor, fomentou a urbanização e a instalação de algumas indústrias. Visto que a cidade vinha se industrializando desde 1860, a partir de 1865 passou-se a estimular a vinda de imigrantes italianos com o intuito de ocupar os postos de trabalho. Umas das principais indústrias era a têxtil e uma estrada de ferro foi implantada com capitais acumulados a partir da economia acumulada com o tropeirismo e com a produção e comércio de algodão.

- 
- A economia sorocabana era baseada no comércio, prestação de serviços, artesanato, indústrias e criação de gado, sendo que os escravizados trabalhavam como “de ganho” ou em funções domésticas, além disso, desenvolveram comércio ambulante e trabalharam como operários nas fábricas de algodão, ferro e de chapéus. Segundo Santos (2011), as práticas mais usuais era os senhores enviarem seus cativos para aprenderem ofícios industriais, oferecendo, posteriormente, os seus serviços aos proprietários das oficinas e manufaturas. Seus salários, obrigatoriamente, eram entregues aos seus senhores segundo as quantias por estes estipuladas. Práticas culturais, fugas, formações de quilombos, suicídio, levantes e revoltas, denúncias de maus tratos e compra de alforrias foram táticas de luta e resistência dos escravizados sorocabanos (Cavalheiro, 2006).



O bairro Jardim Paulistano, onde se localiza a Capela João de Camargo, é, hoje, uma região extremamente valorizada, sendo de classe média alta, notadamente branca.

Próximo a diversas lojas e outros estabelecimentos comerciais, bem como edifícios residenciais de alto padrão, mas, no passado, período em que viveu João de Camargo.



O Campolim teria sido um local de refúgio para os negros da região, os terrenos teriam sido doados por Quiló, que conforme o relato, era um português de muitas posses, casado com uma mulher negra. O local era estratégico para a comunidade negra que ali residia por conta de sua proximidade com o Cafundó, quilombo que fica no município de Salto de Pirapora. Com a especulação imobiliária e a consequente valorização do local, os negros deixaram o bairro e migraram para lugares mais afastados.

O Quilombinho se localiza num bairro que, hoje, é considerado nobre, o centro financeiro da cidade, foi, antigamente, espaço de negros, os quais possuíam terras. Segundo a entrevistada, a família Campolim era uma família negra, a qual residia e tinha terras e casa naquele espaço. As famílias negras, por passarem situações de dívidas, foram vendendo suas terras e migrando para os bairros mais periféricos. Portanto, o que sobra dos negros neste bairro é apenas o nome, já dissociado de sua origem negra. É uma contradição que seja um bairro nobre, predominantemente branco e com a história negra.



Ninguém associa estes elementos históricos ao bairro, atualmente, mas trata-se de um espaço de memória no qual há uma ruptura entre o que é real e o que é selecionado para ser lembrado:

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento da articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o estfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há meios de memória. (Nora, 1993, p. 7)

Referências Bibliográficas

- BURGOS, Rosalina; CARRIL, Lourdes. Espaço público e lugares de memórias negras: (des)encontros entre sujeitos e o patrimônio histórico urbano. *Boletim Paulista de Geografia*, nº 104, jul-dez. 2020. p. 83-101. DIALOGUS, Ribeirão Preto v.8 n.1 n.2 2012. p. 107-117.
- GODOY, Adriana Cristina de. Conhecer para Valorizar: o Patrimônio Cultural como conteúdo do ensino de História.
- LIMA, Alessandra Rodrigues. Patrimônio Cultural Afro-brasileiro e o Registro de Bens Imateriais: alcances e limitações. *CADERNOS NAUI* | v. 9 | n. 17 | jul-dez 2020 | p. 39-58.